

Suicídio em telas: análise dos curtas-metragens de um festival paraense de filmes universitários

Suicide on the screens: analysis of short films shown in a university film festival in Brazilian state of Pará

El suicidio en las pantallas: análisis de cortometrajes de un festival universitario de cine en el estado brasileño de Pará

Dorivaldo Pantoja Borges Junior^{1,a}

dorivaldopsi@outlook.com | <https://orcid.org/0000-0001-9785-6232>

Analaura Corradi^{1,b}

corradi7@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0432-1875>

Douglas Junio Fernandes Assumpção^{1,c}

rp.douglas@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5048-6692>

¹ Universidade da Amazônia, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém, PA, Brasil.

^a Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia.

^b Doutorado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia.

^c Doutorado em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná.

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo que investiga a abordagem dos comportamentos suicidas nos curtas-metragens do festival de filmes universitários Osga. Foram identificados 11 filmes que apresentam a temática. Tais vídeos foram submetidos à análise de conteúdo com base nas categorias ideias suicidas, parassuicídio e tentativas de suicídio, sistematizadas por Botega (2015). A partir das análises, identificou-se essa última como a categoria mais frequente, corroborando os apontamentos presentes na literatura especializada. Os casos analisados revelam também que, geralmente, o suicídio é motivado por eventos de profundo sofrimento dos sujeitos que tentam e/ou conseguem realizá-lo.

Palavras-chave: Suicídio; Saúde mental; Audiovisual; Filmes universitários; Comunicação em saúde.

ABSTRACT

This article presents a study that investigates the approach to suicidal behaviors in the short films of the Osga university film festival. 11 films that present the theme were identified. Such videos were submitted to content analysis based on the categories of: suicidal ideations, parasuicide, and suicide attempt systematized by Botega (2015). From the analysis, the last was identified as the most frequent category, corroborating the notes presented in the specialized literature. The analysis also reveals that generally the suicide is motivated by events of profound suffering of the subjects who try and/or perform it.

Keywords: Suicide; Mental health; Audiovisual; University films; Health communication.

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio que investiga el enfoque de los comportamientos suicidas en los cortometrajes del festival universitario de cine Osga. Se han identificado 11 películas que presentan el tema. Dichos videos fueron sometidos al análisis de contenido basado en las categorías ideas suicidas, parasuicidas e intentos de suicidio sistematizados por Botega (2015). A partir del análisis, esta última ha sido identificada como la categoría más frecuente, corroborando las observaciones presentes en la literatura especializada. Además, el análisis revela que el suicidio es generalmente motivado por eventos de profundo sufrimiento experimentado por los sujetos que lo intentan y/o lo realizan.

Palabras-clave: Suicidio; Salud mental; Audiovisual; Cine universitario; Comunicación acerca de la salud.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: todos os autores.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: todos os autores.

Redação do manuscrito: todos os autores

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Analaura Corradi e Douglas Junio Fernandes Assumpção.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: Este estudo foi construído dentro do projeto de pesquisa intitulado “Processos psicológicos e comunicacionais nos imagéticos fílmicos”, contemplado com uma bolsa de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: ao Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), mediante o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento da pesquisa.

Histórico do artigo: submetido: 18 ago. 2020 | aceito: 14 set. 2021 | publicado: 10 nov. 2021.

Apresentação anterior: não há.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Não se pode conceber o cinema como um fazer destituído de influência histórica. Tal processo comporta elementos internos – o universo simbólico de seus personagens – e externos, os aspectos sociais e culturais da época (MOMBELLI; TOMAIN, 2014). Devido a essa riqueza de material subjetivo que um filme comporta, apresenta-se enquanto um frutífero objeto de análise.

Além disso, a produção cinematográfica é considerada uma ferramenta de disseminação informacional para divulgação da cultura, processos sociais e o retrato de um determinado contexto histórico no qual o interagente – espectador que participa e colabora com o conteúdo – se identifica com elementos psicológicos ou com o próprio contexto em que as personagens estão inseridas durante o enredo (DUARTE, 2002).

Ou seja, esse aspecto recai nas produções simbólicas e narrativas do cinema, pois o interagente cria uma visão de mundo a partir das estruturas dinâmicas que são preestabelecidas durante a produção do filme, deixando desenvolver uma percepção do sentido real (XAVIER, 2005). Dessa forma, a abordagem no processo comunicacional, então, está voltada ao modo das linguagens refletirem as inquietações da sociedade e do próprio tempo, estabelecendo um fluxo comunicacional complexo (BENJAMIN, 2012).

A partir do aprimoramento tecnológico da tipificação, cinema falado e advento da cor, a produção cinematográfica adquiriu novos adereços, abrindo caminho para maior consistência na apresentação de fenômenos subjetivos e culturais, visto que tal produção é totalmente atravessada pelo seu contexto sócio-histórico (ANDREW, 2002).

O cinema é caracterizado pelo movimento e tal característica – movimento de imagens – deu aos produtores a sensação de poder reproduzir o fenômeno da percepção humana, uma espécie de representação quase fiel da realidade, o que embasa a afirmativa de Rivera (2008) sobre os seres humanos terem uma vida anímica cinematográfica. Tem-se, então, a proximidade entre o fazer artístico e o universo simbólico humano, pois a fantasia é um aspecto central nessa relação (RIVERA, 2005).

Estudos que entrelaçam a psicanálise e a arte, mais especificamente o cinema, apontam a similitude entre o conteúdo dos imagéticos fílmicos e os da produção onírica: os sonhos. As pressuposições supracitadas podem ser articuladas com a história do cinema, no que diz respeito às características da produção cinematográfica (BERNARDET, 2006). Para além da contação de histórias, o fazer cinematográfico ganhou, por influência de vanguardas artísticas como o surrealismo¹, o caráter de ‘criação de estórias’, ou seja, de produção de realidades.

Seja no aspecto de reprodução ou de criação, o cinema como uma produção cultural fornece subsídios para a investigação a respeito de diversas temáticas, desde problemáticas individuais até conjunturas sociais mais amplas, visto que o movimento fotográfico pode ser articulado, também, com o movimento pulsional humano (RIVERA, 2005). Neste sentido, o cinema proporciona ao sujeito que o contempla, também a possibilidade de representação e fruição internas.

A relação entre o audiovisual e o espectador é dialógica, despertando neste último um misto de sensações, já que o produto cinematográfico é composto por componentes imagéticos dinâmicos e sonoros a ponto de não ser apreendido em sua totalidade, pois o cinema mobiliza reflexões sobre a condição humana em suas diversas dimensões (RIVERA, 2005).

Portanto, ao confluir componentes de uma criação narrativa característica do processo de montagem das cenas, o objeto fílmico dá margem à representação dos processos subjetivos e, conseqüentemente, atribui o teor emocional às obras que, na relação com o espectador, despertam sensações e provocam

1 O surrealismo foi, segundo Ferraz (2000) um movimento artístico que teve seu início em 1924, cuja proposta era a inversão de valores estéticos tradicionais. Tinha como pressuposto a aposta na exploração de fenômenos inconscientes e oníricos humanos. No cinema, os movimentos não foram diferentes, seguiram dispares da produção da época, utilizando aspectos misteriosos da mente humana.

questionamentos. Devido à sua caracterização sonora, narrativa, mas também imagética, o audiovisual proporciona o acesso aos pilares subjetivos que sustentam as representações sociais a serem apresentadas, e a utilização da imagem enriquece a investigação científica (MEDINA FILHO, 2013).

Seja em materiais de ficção ou documentários, os audiovisuais apresentam histórias, narrativas e experiências diversas que propiciam reflexões a respeito de temas que aparecem na vida de uma personagem e, até mesmo, conjunturas mais amplas tais quais as diferentes formas de se relacionar com o mundo, o que engloba os processos de saúde e adoecimento psíquicos a ponto de render ricos estudos de caso à produção científica e à formação interdisciplinar de pesquisadores (LEBREGO *et al*, 2020).

No que diz respeito ao sofrimento e adoecimento psíquicos – temática investigada aqui a partir do cinema –, tem-se a compreensão de que viver em sociedade é motivo de mal-estar dos sujeitos, experiência essa que compõe o fundo da produção humana visando à satisfação de suas necessidades. Entretanto, a sociedade contemporânea, nas novas formas de subjetivação, não só produz mal-estar, mas psicopatologias (SAFATLE, 2018), aqui compreendidas como os destinos possíveis frente ao sofrimento (BIRMAN, 2019).

Psicopatologias, nesse sentido, correspondem aos padrões comportamentais não esperados culturalmente que, por sua disfuncionalidade, acarretam sofrimento ao sujeito que os produz ou aos que o circundam (BARLOW; DURAND, 2015). A saber, a compreensão de anormalidade não é algo definido totalmente pelo estudo da psicopatologia, não só devido ao adoecimento mental ser um fenômeno subjetivo, mas por conta de seu campo de estudo ser autônomo, e não um ramo da psicologia ou da psiquiatria (CHENIAUX, 2020).

Embora estabelecidas, com a reforma psiquiátrica, diversas mudanças jurídicas e assistenciais à saúde de indivíduos que padecem psiquicamente por psicopatologias, discordam-se que a visão acerca do sujeito em sofrimento psíquico mudou completamente, ou seja, a reforma psiquiátrica não ocorreu por completo (SILVA; NICOLAU, 2014). Evidencia-se, então, a necessidade de refletir sobre os processos transversais às manifestações psicopatológicas e promover espaços de discussão e desestigmatização conjuntas, não só da temática, mas do sujeito adoecido, mais especificamente – partindo do interesse da presente pesquisa – da pessoa que cogita o autoextermínio.

Reflexões de Borges Junior, Corradi e Assumpção (2020) sobre comunicação e saúde mental, com foco na estigmatização dos transtornos mentais, apontam que os meios de comunicação podem se apropriar da temática e divulgá-la erroneamente, estigmatizando os sujeitos em sofrimento mental. A estigmatização, nesse sentido, seria apresentar ideias que remetem ao sujeito louco perigoso, que não é capaz de cuidar de si e, por isso, deve ser afastado do convívio social, tal como mostra Foucault em A história da loucura (2014).

Levando em conta que o processo comunicacional influencia os modos de vida das pessoas, a forma como a temática da saúde mental é abordada entre os meios comunicacionais pode contribuir para a manutenção de manicômios mentais (BEZERRA JR, 2007) no imaginário social. Entretanto, o contrário também é possível. Não obstante, os meios comunicacionais têm se apropriado, de forma mais aberta, dos temas transversais à saúde mental, como o suicídio por exemplo (BETSHE, 2018).

Mostra-se oportuna a utilização do processo comunicacional cinematográfico não só enquanto um dispositivo de suporte à assistência em saúde, mas também, na investigação científica sobre os fenômenos subjetivos que perpassam o adoecimento mental, tendo em vista sua potência na comunicação em saúde mediante o esclarecimento sobre os determinantes de saúde que compõem o cotidiano das pessoas (SPINK, 2018).

Frente a isso, o presente estudo investiga, entre os curtas-metragens apresentados no Festival de Filmes Universitários Osga (2005 - 2018), a presença dos comportamentos suicidas, uma manifestação psicopatológica específica. Para tanto, utilizam-se os pressupostos metodológicos da análise de conteúdo categorial para agrupar os audiovisuais correspondentes em grupos por características comuns, estabelecendo um panorama da produção apresentada nesse festival de cinema paraense.

O festival, cujo nome é fruto de um trocadilho sonoro equivalente ao Oscar² baseado no vocabulário regional paraense, começou suas atividades enquanto práticas de sala de aula para os graduandos dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (Unama) em 2005 (FESTIVAL OSGA, 2016b). A palavra Osga, título escolhido pelos próprios alunos, é uma palavra regional dada ao substantivo 'lagartixa'.

O festival, com o passar das edições, tomou proporções maiores a ponto de extrapolar os muros da Unama, passando a contemplar produções de graduandos de outras instituições de ensino superior e, até mesmo, levando sua proposta às escolas de ensino médio públicas e privadas de Belém do Pará através do Osga na Escola (FESTIVAL OSGA, 2016c).

Outro fator que contribuiu para a expansão do festival foi a parceria entre a Universidade da Amazônia e o Cine Olympia (FESTIVAL OSGA, 2015), o cinema mais antigo em funcionamento no Brasil. A partir disso, os filmes premiados nas categorias de inscrição no festival são exibidos no cinema. De acordo com o edital de inscrição, o Festival Osga é aberto aos cursos de Comunicação Social, Artes Visuais, Cinema, entre outros, possibilitando inscrições de vídeos de ficção, vídeo arte e vídeo minuto, sendo cada tipo de produto construído e submetido de acordo com suas especificidades (FESTIVAL OSGA, 2016a).

Ao todo, entre as edições de 2005 – 2018, foram contabilizados 286 filmes produzidos por estudantes universitários, filmes estes que abordam os mais diversos temas, desde vídeos publicitários, curtas-metragens sobre a cultura e o cotidiano paraenses, documentários de teor político/ativista e, também, 11 filmes que abordam as facetas dos comportamentos suicidas, tema de interesse da pesquisa aqui apresentada.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2016), o suicídio mata mais de 800 mil pessoas por ano, sem contar o número maior de tentativas que está por detrás desse dado. Além disso, consta que, entre os principais meios de suicídio, se encontram a ingestão de pesticidas, o enforcamento e o uso de arma de fogo, sendo o maior número de ocorrências verificado em jovens de 15 a 29 anos. Ademais, a frequência de suicídio é maior entre os homens (BOTEGA, 2015).

Na produção audiovisual brasileira, um exemplo da abordagem do suicídio pode ser mencionado à guisa de informação. O documentário que repercutiu bastante na época de seu lançamento foi 'Elena' (2012), dirigido por Petra Costa. No material em questão, é contada a história da irmã de Petra que cometeu suicídio ainda muito jovem. A produção também mostra a repercussão que esse luto causou na família, os ditos sobreviventes de suicídio. Para apresentar a história de sua irmã, Petra refaz os passos que Elena deu durante sua tentativa de seguir carreira como atriz. O documentário 'Elena' constrói uma narrativa oportuna para a quebra de tabus que causam o silenciamento de sujeitos com sofrimento mental (BETSHE, 2014).

O uso do audiovisual, nesse caso, proporcionou figuração à subjetividade e ao adoecimento psíquico, traçando estratégias narrativas do padecimento que um sujeito vivencia, bem como os destinos subjetivos que Petra dá ao seu sofrimento. Além disso, tal narrativa, por meio da montagem fílmica, dá margem à reflexão e desconstrução de tabus que permeiam a discussão do suicídio.

O suicídio é um assunto tabu devido a estranheza que este causa aos sujeitos (ANDRADE, 2019). É comum, no desenvolvimento humano, os pensamentos a respeito da morte, o que inclui as ideias corriqueiras sobre o suicídio; entretanto, quando a temática é proveniente do discurso de outrem, o assunto ganha teor de estranheza por se tratar de uma proibição. O suicídio é atravessado por aspectos históricos e culturais, o que o levou a ser relacionado a diversos estados patológicos, sejam estes físicos e/ou mentais:

O suicídio está bastante relacionado a vários tipos de doença. Já foi referido, entre outras, à AIDS, a pós acidente vascular cerebral, ao infarto do miocárdio, à esclerose múltipla, à doença de Parkinson e à insuficiência respiratória crônica de diversas etiologias. Dentre as doenças, as psiquiátricas são as mais relatadas. Os resultados entre os vários pesquisadores, no entanto, são discrepantes, colocando-se como prevalentes: a depressão, a ansiedade, os delírios, os transtornos de personalidade e o uso de substâncias psicoativas (MELLO, 2000, p. 164).

2 O Oscar é a mais conhecida premiação de cinema do mundo, realizada nos Estados Unidos.

Mello (2000) faz críticas à afirmação de que todo o sujeito que comete suicídio possui uma psicopatologia, sobretudo depressão; entretanto, é importante pontuar que comportamentos suicidas estão para além das psicopatologias, embora ambos possam se encontrar enquanto comorbidades. Sendo assim, o caráter patológico, ou não, do suicídio e o risco de suicídio podem ser avaliados em função do que representa para a pessoa morrer ou viver.

Há três possibilidades de comportamentos que dizem respeito à esfera do autoextermínio (comportamentos suicidas): as ideações suicidas, o parassuicídio e as tentativas de suicídio (BOTEGA, 2015). Tais manifestações foram consideradas como categorias para analisar e identificar os tipos de comportamentos suicidas mais recorrentes nos vídeos do Festival de filmes universitários Osga, visando estabelecer um panorama da produção apresentada.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para a realização deste estudo, utilizaram-se os apontamentos metodológicos da análise de conteúdo. Tal metodologia, historicamente, é utilizada para investigar os processos comunicacionais de massa e possui diversas técnicas para empreender pesquisa sobre as mensagens contidas nos processos comunicacionais (BARDIN, 2011).

Embora essa estratégia metodológica tenha suas etapas e procedimentos de aplicação (Quadro 1), o pesquisador dispõe de técnicas a fim de analisar o conteúdo comunicacional. Entre estas, constam a categorização, a enunciação e outras. No caso desta pesquisa, foi utilizada a técnica de categorização do conteúdo, que consiste na divisão do material em unidades e em categorias provenientes de reagrupamentos análogos (BARDIN, 2011).

Quadro 1 – Etapas e procedimentos metodológicos da análise de conteúdo

Etapas	Procedimentos
Pré-análise	Deve-se escolher e preparar os materiais que serão submetidos à análise, bem como estabelecer as hipóteses e categorias. Além disso, é preciso elaborar indicadores de análise que provém da leitura flutuante.
Exploração do material	Consolidar o planejamento feito na etapa da pré-análise quanto aos apontamentos e as regras de aplicação ao material escolhido.
Tratamento dos resultados	Submeter os resultados provenientes das etapas anteriores às validações estatísticas, sínteses e inferências.

Fonte: elaboração dos autores a partir de Bardin (2011).

Quanto à aplicação do método, na pré-análise, os vídeos apresentados no festival Osga foram sistematizados de forma cronológica, com informações como ano e sinopse de cada um. Ao todo, sistematizaram-se 286 curtas-metragens dispostos entre as edições de 2005 e 2018 do festival. Dos 286 filmes sistematizados, identificaram-se 11 que abordam os comportamentos suicidas em seus enredos, o que nos levou a adotar tal temática enquanto recorte da pesquisa.

Posteriormente, na etapa de exploração do material, as análises dos 11 vídeos (Quadro 2) foram realizadas mediante a aplicação de três categorias de análise criadas a partir da obra Crise suicida: avaliação e manejo, de Neury José Botega (2015). As categorias são baseadas nas dimensões do comportamento suicida, sendo essas: ideação suicida, parassuicídio e tentativa de suicídio.

Quadro 2 – Vídeos do Festival Osga que apresentam o suicídio em seus enredos

Título	Ano	Sinopse
A casa	2005	Uma jovem e seus amigos descobrem que, na casa onde ela reside, uma garota se suicidou, atirando-se do alto da casa. O vídeo mostra o espírito da garota presente na casa, interferindo na dinâmica do ambiente e causando medo aos atuais moradores.
Me desculpe, meu bem!	2005	Um casal de jovens descobre que um filho está por vir. O pai não quer que esse filho venha a nascer. Em um momento de desespero, a mãe ingere vários comprimidos e se suicida.
O fim	2008	Um grupo de jovens atravessa profundos sofrimentos ao lembrar da morte de uma amiga. Cada um à sua maneira: choros constantes, uso de álcool e outras drogas e, também, o suicídio através da ingestão de comprimidos.
Antes de ouvir a verdade	2010	André, que estava sob o efeito de álcool, imaginando que sua esposa Lívia o traía, a assassina e, em um movimento de desespero, se suicida via arma de fogo. Entretanto, a traição não passava de um mal-entendido que não pôde ser esclarecido.
Além do olhar	2012	Rafael acordou atrasado e decidiu ir ao cinema. Ao voltar para casa, foi atropelado e acaba sendo hospitalizado, quando é diagnosticado com a perda total da visão. As adaptações à nova realidade são difíceis e lhe causam sofrimento, o que leva Rafael a cometer suicídio por meio de um enforcamento.
Positivo	2012	As ideias suicidas se mostram como sonhos da personagem Carla que, contaminada pelo vírus HIV, desenvolveu a Aids. No seu sonho, é rejeitada por todos e todas ao seu redor, o que a leva a tentar suicídio.
Chevalier	2013	Um grupo de estudantes se revolta contra uma colega devido a uma viagem que ela fez, deixando o trabalho de conclusão de curso de lado. Tal revolta leva ao assassinato da moça. Seu namorado, sofrendo pela perda, comete suicídio por meio da ingestão de comprimidos.
Epitáfio	2013	Um jovem apresenta sentimento de vazio existencial e indagações se a vida vale a pena ser vivida. Até o dia em que ele chega à decisão de se suicidar, o que o leva a duas tentativas sem êxito: uma pela via do enforcamento e outra ao se atirar da janela do apartamento. No final, o personagem acha um chocolate que o remeteu à sua infância, o que o fez lembrar de motivos para continuar vivo.
Autofobia	2014	O protagonista do curta, Tel, é apresentado em um grupo de reabilitação, onde conta os episódios de sofrimento que marcaram sua história: assassinato do pai; suicídio da madrasta e, por conseguinte, abandono em uma casa de recuperação por anos. Durante a atividade grupal, Tel saca uma arma e mata o profissional que estava conduzindo a conversa.
História de Sophia	2016	O curta começa com as imagens de Sophia prestes a se atirar do alto de um edifício. A personagem pretendia cometer suicídio devido a uma briga que tivera com seus pais, quando seu pai a culpou pela morte de sua irmã mais nova. Entretanto, seu amigo Lúcio a impede de se suicidar. No final do vídeo, Sophia aparece com seus pulsos flagelados e sendo questionada quanto a Lúcio, onde ele estava e se estava bem.
Precipitação	2016	Após uma briga com seu namorado, Júlia é abusada sexualmente por um grupo de homens durante uma tarde chuvosa. Dessa forma, todas as vezes que escutava o barulho da chuva, era remetida à cena do abuso. Posteriormente, Eduardo, seu namorado, envolto em um sentimento de culpa, tenta suicídio, mas não o conclui. Depois da recuperação de ambos, Júlia assassina Eduardo ao encontrar uma máscara, entre seus pertences, que a remeteu à cena do abuso sexual que vivenciou.

Fonte: elaboração dos autores a partir do arquivo de vídeos do Festival Osga (2005-2018).

Os vídeos que abordam o suicídio também foram sistematizados cronologicamente e especificados a partir do ano de apresentação e sinopse. Além disso, foram agrupados e caracterizados de acordo com as categorias de análise, de acordo com os comportamentos suicidas (Quadro 3).

Quadro 3 – Categorias de análise e os respectivos filmes correspondentes

Categoria	Descrição	Curtas correspondentes
Ideação suicida	Pode-se ter enquanto um pensamento corriqueiro, que não aponta, necessariamente, vulnerabilidade.	Positivo (2012)
Parassuicídio	Neste caso, a dimensão sai do pensamento e adentra os comportamentos autolesivos. Entretanto, estes não são letais ao sujeito.	Precipitação (2016)
Tentativa de suicídio	Caracterizado pela impulsividade do ato frente ao sofrimento. É o comportamento que mais se aproxima da concretização do suicídio.	A casa (2005); Me desculpe, meu bem! (2005); O fim (2008); Antes de ouvir a verdade (2010); Além do olhar (2012); Chevalier (2013); Epitáfio (2013); Autofobia (2014); História de Sophia (2016).

Fonte: elaboração dos autores a partir de Botega (2015)

As categorias dispostas no Quadro 3 foram empregadas aos 11 curtas-metragens do Festival Osga para proporcionar a divisão do material em grupos menores, viabilizando o tratamento dos resultados, ou seja, sínteses e inferências a partir do conteúdo dos audiovisuais.

RESULTADOS

Mediante o tratamento dos dados decorrentes da etapa anterior, realizaram-se a síntese das ocorrências, a comparação dos resultados com a literatura científica especializada e a atribuição de inferências do material, este agrupado em três tópicos referentes aos comportamentos suicidas presentes no conjunto de vídeos.

Ideações suicidas

De todos os comportamentos, eis o mais recorrente. Sobretudo em adolescentes, tais comportamentos contemplam desde pensamentos mais corriqueiros sobre a vida valer a pena ser vivida, até indagações mais complexas e recorrentes sobre esse processo de vida e morte (BOTEGA, 2015).

Apenas um vídeo apresentou a temática. No vídeo Positivo (2012), o conteúdo se mostrou complexo em sua categorização. Como consta no Quadro 2, a personagem sonha que, depois de sua contaminação pelo vírus HIV³ (transmitido pelo seu parceiro) e, também, do desenvolvimento da Aids, é rejeitada pelos amigos e família.

Envolta em profundo sentimento de desamparo, a personagem tenta suicídio por meio do uso de uma arma de fogo que ela portava. Entretanto, a personagem acorda e se encontra com seu parceiro e seus filhos. A mensagem do vídeo é sobre a superação do diagnóstico do HIV. Embora o vídeo apresente uma tentativa de suicídio, uma vez que esta ocorre mediante um sonho, ou seja, no nível de pensamento e ideia, foi enquadrado como ideação suicida.

3 Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é o agente etiológico da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), doença que acomete o sistema imunológico do sujeito e o deixa vulnerável às infecções oportunistas (BRASIL, 2019).

Parassuicídio

Este campo contempla ações que, embora possuam um caráter agressivo contra si mesmo, não apresenta riscos fatais à vida da pessoa. Nesse contexto, os movimentos autolesivos mais recorrentes são ingestão abundante de comprimidos ou cortes superficiais na pele. Além disso, é frequente a prevalência de transtornos mentais nos sujeitos que se encaixam nesse campo de comportamentos (BOTEGA, 2015).

Tal qual a categoria das ideias suicidas, apenas um vídeo correspondeu à categoria do parassuicídio: o curta-metragem *Precipitação* (2016). Quanto ao vídeo, deve-se fazer uma observação: a história apresenta o relacionamento instável entre dois jovens (Júlia e Eduardo). Depois de uma briga do casal, Júlia é abordada por um grupo de jovens e é abusada sexualmente.

Ao ver sua namorada hospitalizada e receber pedidos de ajuda de sua família, Eduardo sente culpa pelo que aconteceu com Júlia, o que o leva a tentar suicídio ingerindo uma quantidade de cinco comprimidos e mutilando seu pulso direito. Entretanto, a tentativa é falha, Eduardo é hospitalizado e se recupera.

Em determinado momento, após a recuperação de ambos, Júlia encontra nas coisas de seu namorado, uma máscara parecida com a que um de seus abusadores usou. Em um momento de medo, Júlia assassina Eduardo. Tal enredo faz questionar a posição do personagem ao ingerir os comprimidos e provocar um corte em seu pulso, visto que não fica nítida a motivação para o comportamento, o que aponta uma diferenciação entre a tentativa de suicídio e o parassuicídio. Contudo, como tal movimento não apresenta características tais quais os vídeos que corresponderam às tentativas de suicídio, este fora categorizado enquanto parassuicídio.

Tentativas de suicídio

Na metáfora do iceberg utilizada para esclarecer sobre o espectro dos comportamentos autolesivos, as tentativas de suicídio ocupam a ponta, ou seja, trata-se do pico dos demais comportamentos. Ao contrário do parassuicídio, as tentativas de suicídio possuem o caráter da impulsividade para com o ato e proporcionam mais chances de um suicídio ser consumado (BOTEGA, 2015).

A categoria referente às tentativas de suicídio foi a que mais obteve resposta e se encontra em 80% dos vídeos que, em seu conteúdo, contam com a presença dessas tentativas que, em sua maioria, são concretizadas. Os curtas-metragens que apresentaram ocorrências foram, cronologicamente: *A casa* (2005); *Me desculpe, meu bem!* (2005); *O fim* (2008); *Antes de ouvir a verdade* (2010); *Além do olhar* (2012); *Chevalier* (2013); *Epitáfio* (2013); *Autofobia* (2014) e *História de Sophia* (2016). Nesse sentido, cabe fazer algumas observações referentes às semelhanças entre os vídeos.

Quanto aos meios de se suicidar, foram mais recorrentes entre os vídeos: a ingestão de comprimidos, com a frequência de três vezes; três tentativas via queda de alturas consideráveis; duas por via de enforcamentos e uma por meio do uso de arma de fogo. Apenas no curta *Autofobia* (2014), o suicídio é mencionado sem o esclarecimento quanto a via de sua concretização, visto que o tema central não é esse.

Quanto aos sujeitos que tentaram suicídio, identificou-se a frequência de cinco tentativas realizadas por homens e quatro por mulheres. Além disso, vale apontar que a maioria das tentativas de suicídio por queda de alturas consideráveis foram realizadas por mulheres. Já as tentativas de enforcamento e/ou pelo uso de arma de fogo foram realizadas por homens. A ingestão de comprimidos esteve presente em ambos os casos, tanto em homens quanto em mulheres.

DISCUSSÕES

Um fator que chama atenção na temática diz respeito ao tabu que a morte por suicídio acarreta, o que levou os pesquisadores a teorizarem sobre os aspectos assistenciais na pós-venção, ou seja, nos acontecimentos após o suicídio dos sujeitos.

Os vídeos *A casa* (2005) e *Autofobia* (2014) fazem referência à questão de formas distintas: enquanto o primeiro apresenta o espírito preso à casa onde uma garota se suicidou, o segundo retrata o suicídio atrelado ao abandono afetivo e às suas repercussões na saúde mental do protagonista. Ambos mostram que o suicídio, mesmo depois de consumado, ainda perdura nos imaginários dos sujeitos, seja por tabus sociais ou por sentimento de culpa e luto (SILVA, 2013; ANDRADE, 2019).

Outro fator analisado foi a respeito das motivações que permearam as tentativas de suicídio. Dois vídeos apresentaram movimentos impulsivos: *Me desculpe, meu bem!* (2005) e *Antes de ouvir a verdade* (2010). Além disso, três vídeos apresentaram sofrimento devido à perda de alguém: *O fim* (2008), *Chevalier* (2013) e *Autofobia* (2014). Também se identificou um curta apresentando uma aparente psicopatologia, devido ao contexto de internação psiquiátrica: *História de Sophia* (2016). Além disso, um vídeo apresentou vazio existencial como fundo – *Epitáfio* (2013) – e, por fim, um vídeo apresentou o suicídio enquanto resultado de um acontecimento traumático: *Além do olhar* (2012).

Nos filmes do festival Osga, a maior recorrência de tentativas de suicídio apresenta homens cometendo o ato, o que corrobora com os apontamentos estatísticos sobre a ocorrência de suicídio em homens sobrepunando a ocorrência em mulheres, sendo os meios mais recorrentes utilizados em suicídio a ingestão de pesticida, o enforcamento e a arma de fogo (BOTEGA, 2015). Os dois últimos apareceram durante as análises, contudo, em números menores se comparados à ingestão de comprimidos (três ocorrências) e à queda de alturas consideráveis (três ocorrências).

Cabe salientar que, de forma transversal, em todos os curtas são identificados os comportamentos suicidas como uma ação frente aos acontecimentos causadores de intenso sofrimento à pessoa, seja por alguma doença ou comprometimento físico ou perda de alguém amado. Além disso, existe a possibilidade de, por detrás de comportamentos suicidas, haver psicopatologias enquanto comorbidades em tais comportamentos suicidas (MELLO, 2000). Embora não se mostre enquanto uma relação causal, é importante levar em consideração as possibilidades.

O sofrimento mencionado decorre, muitas vezes, da não adequação às exigências sociais características do mal-estar contemporâneo (SAFATLE, 2018; BIRMAN, 2019). Portanto, o suicídio se mostra como uma espécie de enfrentamento realizado a partir das condições psíquicas dos sujeitos em sofrimento psíquico, uma tentativa de erradicar os sentimentos que emergem decorrentes de algum acontecimento de intensa mobilização emocional e dor.

Quanto à abordagem dos filmes, ressalta-se que, embora a interpretação de um vídeo decorra de uma leitura subjetiva do espectador, identificou-se durante as análises que a maioria dos filmes contém o suicídio em seus enredos como um acontecimento resultante de uma história de sofrimento; entretanto, não utiliza esses conteúdos com o objetivo direto de estabelecer, no processo comunicacional, fins de educação em saúde mental ou prevenção do suicídio. No entanto, cabe observar que isso não anula as possibilidades de reflexões sobre o tema mediante o uso do audiovisual.

Nesse sentido, indaga-se a respeito da presença da temática no Festival Osga. Ao partir do pressuposto, como já apontado, de que a comunicação cinematográfica exerce a função de divulgação da cultura (DUARTE, 2002) e, mais especificamente no campo da comunicação em saúde, a divulgação dos determinantes de saúde (SPINK, 2018), evidencia-se que o espaço de socialização de materiais audiovisuais no Osga proporciona redes de produção de sentidos que influenciam os modos de compreensão da temática.

Ou seja, se a utilização de narrativas e, também, de imagens viabiliza identificar as representações sociais que se tem a respeito de uma determinada questão social (MEDINA FILHO, 2013) tal qual o suicídio e nelas intervir, a presença da temática entre os filmes universitários paraenses se mostra oportuna para a desestigmatização da temática por meio dos conteúdos do processo comunicacional (BORGES JUNIOR; CORRADI; ASSUMPÇÃO, 2020), descolando as manifestações do padecimento psíquico das antigas representações da loucura ou do sujeito louco que deveria ser preso e afastado do convívio social. Promove-se, então, possibilidades de mudança no trato da temática do suicídio e da saúde mental.

Identifica-se, nesse sentido, que a abordagem e a construção dos enredos dos curtas-metragens convergem na apresentação dos comportamentos suicidas não enquanto uma culpabilização das personagens, mas no enfoque do sofrimento, inseguranças e impulsos vivenciado por elas, de modo a refletir sobre as possibilidades para além do estigma, embora o retrate em seu enredo. Os conteúdos presentes nos audiovisuais são mais amplos em contexto, não dando enfoque estritamente à psicopatologia, o que rompe com a visão caricata dos transtornos mentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investiga a abordagem de comportamentos suicidas nos curtas-metragens apresentados entre as edições de 2005 e 2018 do Osga festival de filmes universitários, da Universidade da Amazônia (Unama), em Belém do Pará, mostrando o panorama da produção sobre a temática apresentada no festival.

Ao investigar, de forma geral, o que a produção científica dispõe sobre psicopatologias e, mais especificamente, sobre o suicídio, identificou-se que se trata de temáticas amplas e compondo diversos determinantes, inclusive sociais, visto que o adoecimento mental é um assunto tabu, reprimido socialmente, devido ao tamanho estranhamento que reverbera no imaginário social.

Com o objetivo de identificar os pontos comuns entre a produção do festival, utilizaram-se os três níveis de comportamentos suicidas enquanto categorias de análise dos filmes universitários. Neste sentido, tomaram-se, como categorias de análise: as ideias suicidas, o parassuicídio e as tentativas de suicídio.

Posteriormente à aplicação das categorias aos curtas analisados, observou-se que o comportamento suicida mais frequente foi a tentativa de suicídio que, por sua vez, foi concretizada em sua maioria. Considerando as características dos comportamentos suicidas apresentados, observou-se que corroboraram a literatura voltada para o tema, sobretudo, os dados sobre os métodos de suicídio, o gênero de quem o pratica e a função do comportamento suicida frente ao sofrimento que acomete o sujeito que o realiza.

Os vídeos apresentados no Festival Osga não obtêm caráter de educação em saúde; ao contrário, a maioria dos vídeos apresenta comportamentos suicidas enquanto acontecimentos que compõem o enredo dos filmes como uma consequência de episódios de intensa mobilização emocional. Entretanto, como mostrado, a relação do espectador com o produto audiovisual é subjetiva, o que não inviabiliza o surgimento de reflexões quanto a temática.

Nesse sentido, o conteúdo presente nas narrativas cinematográficas presentes no Festival paraense de filmes universitários Osga destoam da visão estigmatizante da loucura e do sujeito dito louco, ao dar enfoque ao contexto no qual as personagens estão inseridas, bem como o sofrimento que estas vivenciam a ponto de utilizarem comportamentos autodestrutivos como saídas para o alívio.

Por fim, cabe salientar que, nesta investigação, embora o objetivo não seja analisar semiologicamente os filmes, a utilização dos audiovisuais apresentados no Festival Osga, enquanto objetos de estudo, proporcionou um amplo e rico panorama de como a temática foi abordada em um movimento de socialização universitária paraense, ao representar nas telas os processos subjetivos vivenciados pelos sujeitos que lançam mão dos comportamentos suicidas como estratégia de alívio de sofrimentos vivenciados.

REFERÊNCIAS

- A CASA. Direção: Bruna Mesquita, Carlos Guzzo Jr e Lorenna Bentes. Belém: Independente, 2005. 1 vídeo (2 min.), son., color.
- ALÉM do olhar. Direção: Denize Oliveira. Belém: Independente, 2012. 1 vídeo (5 min.), son., color.
- ANDRADE, Eduardo Lucas. Suicídio? Que estranho! *In*: ANDRADE, Eduardo Lucas; FREITAS, Victor Cruz de; CECCARELLI, Paulo Roberto (Org.). **A psicanálise na vida cotidiana**. Bom despacho Literatura em Cena, 2019. p. 45-54.
- ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ANTES de ouvir a verdade. Direção: Antônio Félix. Belém: Independente, 2010. 1 vídeo (6 min.), son., color.
- AUTOFOBIA. Direção Renato Mangini. Belém: Independente, 2014. 1 vídeo (7 min.) son., color.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina; 2011.
- BARLOW, David H., DURAND, Vincent Mark. **Psicopatologia**: uma abordagem integrada. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning; 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BETSHE, Mariana. O suicídio na mídia: reflexões para o cuidado em saúde mental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2018. p. 252-257. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i3.1597>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1597>. Acesso: 20 jul. 2020.
- BETSHE, Mariana. Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, 2014. p. 575-581. DOI: <https://doi.org/10.3395/reciis.v8i4.436>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/436>. Acesso: 28 jul. 2020.
- BEZARRA JR, Benilton. Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 243-250, 2007. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v17n2/v17n2a02.pdf. Acesso: 24 jul. 2021.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise as novas formas de subjetivação**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; CORRADI, Analaura; ASSUMPÇÃO, Douglas Junio Fernandes. Comunicação, estigmatização e transtorno mental: análise de uma matéria paraense em um Portal de Notícias. **ID on line: Revista de Psicologia**, Jaboatão dos Guararapes, v. 14, n. 50, p. 676-687. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v14i50.2464>. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2464>. Acesso: 24 jul. 2021.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/aids 2019**. Brasília, DF: O Ministério, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>. Acesso em: 27 set. 2021.
- CHENIAUX, Elie. **Manual de psicopatologia**. 6. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2020.
- CHEVALIER. Direção: Erik Ranieri e Thamires Cardoso. Belém: Independente; 2013. 1 vídeo (7 min.), son., color.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ELENA. Direção: Petra Costa. São Paulo: Busca Vida Filmes, 2012. 1 vídeo (81 min.), son., color.

EPITÁFIO. Direção: Gustavo Aguiar. Belém: Independente; 2013. 1 vídeo (7 min.) son., color.

FERRAZ, Rogério. As marcas surrealistas no cinema de David Lynch. **Revista Olhar**, São Carlos, v. 3, n. 5-6. p. 1-8. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/rogerio.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

FESTIVAL OSGA (Brasil). **Cine Olympia recebe premiação do Osga**. Belém: [s. n., 2015]. Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/2015/10/cine-olympia-recebe-premiacao-do-osga.html>. Acesso em: 25 jul. 2020.

FESTIVAL OSGA (Brasil). **Edital e ficha de inscrição**. Belém, [s. n., 2016a]. Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/edital-2014.html>. Acesso: 25 jul. 2020.

FESTIVAL OSGA (Brasil). **O festival**. Belém: [s. n., 2016b]. Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/o-festival.html>. Acesso: 25 jul. 2020.

FESTIVAL OSGA (Brasil). **Osga na escola**. Belém: [s. n., 2016c]. Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/osga-na-escola.html>. Acesso: 25 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HISTÓRIA de Sophia. Direção: Ariela Motizuki. Belém: Independente, 2016. 1 vídeo (7 min.), son., color.

LEBREGO, Arina Marques *et al.* Psicanálise, cinema e formação em psicologia: movimento de um grupo de estudos em Belém do Pará. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 181-193, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3295>. Acesso em: 27 set. 2021.

ME DESCULPE, meu bem!. Belém: Independente, 2005. 1 vídeo (1 min.), son., color.

MEDINA FILHO, Antonio Luiz de. Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 25, n. 2, p. 263-271, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/rTBYnGwZvRYPzDXQ76bgQkw/?lang=pt&format=html#>. Acesso: 20 jul. 2021.

MELLO, Marcelo Feijó. O suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 163-70. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X200000100017>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X200000100017&lng=en. Acesso em: 22 jul. 2020.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, 2014. p. 1-17. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2014.v8.21098>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso: 22 jul. 2020.

O FIM. Direção: Rodrigo Reis e Éder Santos. Belém: Independente, 2008. 1 vídeo (3 min.), son., color.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Grave problema de saúde pública, suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Brasília, DF: A Organização, [2016]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839. Acesso: 5 ago. 2020.

POSITIVO. Direção: Léia Rodrigues e Alberto Ferreira. Belém: Independente, 2012. 1 DVD (5 min), son., color.

PRECIPITAÇÃO. Direção: Lucas Silva. Belém: Independente, 2012. 1 vídeo (7 min.), son., color.

RIVERA, Tânia. **Arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RIVERA, Tânia. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SAFATLE, Vladimir. Introdução – Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (Org.). **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-31.

SILVA, Lúcia Cecília. Suicídio: o luto dos sobreviventes. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Suicídio e os desafios para a Psicologia**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia; 2013. p. 45-58. *Ebook*. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia/>. Acesso: 22 jul 2020.

SILVA, Susette Matos da; NICOLAU, Roseane Freitas. Reforma psiquiátrica: uma ilusão necessária? *In*: MOREIRA, Ana Cleide Guedes; OLIVEIRA, Paulo de Tarso Ribeiro de.; PIANI, Pedro Paulo Freire (Org.). **Cuidado e saúde: práticas e sentidos em construção**. Belém: Paka-Tatu, 2014. p. 255-266.

SPINK, Mary Jane Paris. Contribuições da psicologia discursiva para o campo da comunicação sobre riscos em saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2019. p. 6-12. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i1.1749>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1749>. Acesso: 28 jul. 2020.

XAVIER. Ismail. **O discurso cinematográfico: opacidade e transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.